

## O Conceito de Transgeracional

Transferência, Transformações, Transcultural, Transgeracional.....

O “Trans”, decididamente, se mostra inesgotável e tão fundamental quanto o “Re” por si só é fundamental para os psicanalistas. Mas, o que herdamos de verdade, com este conceito de transgeracional?

Trata-se de um presente ou de uma armadilha, de um tema de fecunda reflexão ou de um espelho de cotovias cuja reflexão, justamente, corre o risco de nos cegar e de nos enganar.

Finalmente, trata-se de um conceito cuja apropriação talvez deva servir de forma realista à nossa prática e à nossa teoria, ou trata-se tão somente de uma utopia que se esconde sem parar?

Para os psicanalistas, a dinâmica do transgeracional remete sobretudo, ao material inconsciente trabalhado pelo Negativo, ou que se esconde na sua Transmissão.

As teorias de nossos antepassados sobre transgeracional são, por definição conscientes-enquanto formuladas- mas como tais, elas são igualmente portadoras de uma parte inalcançável que, segundo o que fizermos com elas transformará este legado em presente aproveitável ou armadilha perigosa. Depois de ter efetuado um pequeno recenso do legado ou de herança, nós centraremos nossa atenção, sobre a questão do acôrdo afetivo que parece ser o elo explicativo, atualmente, o mais pragmático para dar conta da transmissão psíquica transgeracional(TTG).

Abordaremos, finalmente, as ligações(os elos) que existem entre os fenômenos da transmissão e o processo de subjetivação, sem o qual nenhum bebê poderá tornar-se uma pessoa.No entanto, o transgeracional pode trabalhar pelo melhor ou pelo pior. Neste sentido, certas identificações transmitidas em vez de ajudar na construção e na liberdade do indivíduo, se mostram , ao contrário, paralisadoras e mortíferas. E é aí mesmo, uma das metas de nossa ação terapêutica: saber dar ao transgeracional sua mobilidade e seu lado vital.

### A) Recenso do legado

I) Desde 1914, no seu texto: “Para Introduzir o Narcisismo”. Freud aponta: “O individuo de fato, traz uma dupla existência: enquanto seguimento de uma cadeia a qual está submetido contra a sua vontade ou pelo menos sem a intervenção desta.” E ele acrescenta: “A diferença das pulsões sexuais e das pulsões do ego só fazem refletir esta dupla função do indivíduo. De um lado a auto-conservação que nos remete ao corpo e de outro a sexualidade que nos remete à relação e ao grupo.” Dito de outra forma como enfatiza R. KAES, que trabalhou muito na França a questão grupal: “É desta forma que viemos ao mundo, pelo corpo e pelo grupo, e o mundo é corpo e grupo”. Devemos observar que, Totem e Tabu (1912-1913) antecede por pouco mas de qualquer forma é anterior ao artigo sobre o Narcisismo, como se implicitamente, Freud teria dado uma pequena preferência ao grupo e ao coletivo com relação às origens profundas da nossa diferença intra-psíquica, mesmo se apenas se tratasse em Totem e Tabu de uma “ficção histórica”. No seu trabalho “Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud”, R. Kaes destaca três modelos de referência:

- o modelo de degenerescência
- o modelo epidemiológico e a barreira imunitária
- o modelo do contágio mental e da psicologia das massas.

No final de sua vida, em Moisés e o Monoteísmo (1939) Freud enfatiza mais uma vez que :” A herança arcaica do homem não engloba apenas disposições mas também conteúdos, traços mnésicos relativos ao vivido e gerações anteriores. Ao mesmo tempo, a amplitude assim como a herança arcaica se encontrariam aumentadas de maneira acentuada”. Assim sendo, ao longo de sua obra, Freud manteve juntas as raízes individuais e as raízes grupais que o problema da transmissão transgeracional (no coração mesmo da identidade grupal) funciona sempre para ele de forma enigmática, seja como uma dificuldade, levando-o a se debruçar iterativamente sobre uma teoria filogenética dos fantasmas originais. Deve-se dizer, no entanto, que

de certa forma a teoria filogenética dos fantasmas originais se mostra como a antinomia mesmo do conceito de TTG, pois se trata de uma transmissão de modelos fantasmáticos comuns (sedução, castração e cena primária) e por isso, desprovidos de temáticas fantasmáticas particulares e, portanto, relativas a cada filiação específica.

Lembremos, no entanto, que o termo de TTG é um termo de origem sistêmica e que os psicanalistas criam, volta e meia, uma heresia com relação a este conceito, se o manejamos separando-o da questão da interação fantasmática.

É aqui que se deve citar os trabalhos de um autor como Ivan Boszormenyi-Nagy e das noções de legitimidade ( construtiva e destrutiva ), de lealdade, de lealdade invisível, de conflito de lealdade, de lealdade clivada que sustentam seus modelos de terapia intergeracional dialética (dita terapia contextual desde 1979).

- II) A partir deste momento, na França, os psiquiatras de crianças e os psicanalistas exploraram duas vias diferentes para tentar aprofundar esta questão.

1/ Uns, a partir dos trabalhos de A. de Mijolla sobre “Os visitantes do Eu” e das concepções de N. Abraham e M. Torok sobre as noções de “cripta” e de “fantasma” procuram precisar as condições metapsicológicas da transmissão transgeracional a partir do material retrospectivo de curar, deixando de lado a hipótese filogenética mas levando em consideração a dinâmica da filiação, sobre as três gerações necessárias para construir um sujeito (ou psicótico). Citaremos apenas os trabalhos de J.J. Baranes, J. Cournut, D. Dumas, M. Enriquez, H. Faimberg, J. Guyotat, C. Nachin, S. Tisseron...

O trabalho do Negativo foi particularmente desenvolvido por alguns desses autores, com relação especialmente à transmissão direta do afeto, do

objeto bizarro (W.R.Bion) ou significativo bruto, seja a transmissão de objetos transformáveis ou não transformáveis.

2/ Os outros autores se apoiaram na observação direta dos bebês (segundo o método de E. Bick) tais como G.Haag e sobre os estudos de interações precoces para destacar os mecanismos de transmissão emocional fantasmática e para tentar dar conta de uma ontogênese dos fantasmas originais, ontogênese que possa evitar recorrer a uma hipótese filogenética.

III ) S.Lebovici, como sabemos, fez do conceito de “mandato transgeracional”, um dos pivôs de sua reflexão e de sua prática clínica.

1/ Segundo ele, a “árvore da vida” de um indivíduo, sendo o seu genograma psíquico, remete a quatro tipos diferentes de bebês na cabeça da mãe:

- . o bebê imaginado essencialmente pré-consciente, elaborado durante da gravidez

- . o bebê do fantasma essencialmente inconsciente que remete as raízes infantis do desejo de criança.

- .o bebê mítico, portador da sombra cultural e da sombra passada da mãe e de seu sistema imagético.O bebê mítico corresponde no fundo à sombra da mãe projetada sobre ele e sabemos a partir de Richard Strauss e H. Von Hofmannsthal que “ a mulher sem sombra” só pode ser estéril.

- . o bebê narcísico finalmente, ou seja aquele que Freud denominou”Sua Magestade o Bebê” no seu artigo de 1914.

Esses quatro tipos de bebês intevêm na transmissão do mandato intergeracional fundado sobre o “rastros” do narcisismo parental e da construção do Eu da criança.

O conjunto aparecendo naturalmente sobre a trama do funcionamento triádico e nós destacamos aqui a tríade, a triadificação e a triangulação(M. Lamour):

- Se os adultos têm nas suas representações mentais o esquema de ser a três (triangulação), eles criam espontaneamente nas suas interações psíquicas, diferentes espaços (triadificação) que são necessários para que o infans tenha acesso à construção de um esquema de ser à três.

- Que os pais organizem o espaço psíquico de forma que a criança ocupe seu lugar na tríade, isso representa uma condição necessária, mas não suficiente para que a criança tenha subjetivamente o sentimento de ser a três.
- É o aparecimento da intersubjetividade (entre o 7 e 9 meses) que vai permitir ao bebê a passagem da triadificação comportamental a triadificação Edípica, e de certa forma, esta Edípição corresponde à introdução do transgeracional no seio da triangulação.

2/ Entretanto, S. Lebovici insiste sobre o fato de que esta concepção psicanalítica européia da transmissão transgeracional difere um pouco das concepções anglo-saxônicas. Estas estão, com efeito, na atualidade, diretamente relacionadas com os trabalhos de J. Bowlby sobre vínculo (attachement), a partir dos quais o paradigma experimental da "situação estranha" (M. Ainsworth) e as pesquisas de Main sobre a transmissão intergeracional do elo de ligação (Internal working models) deixam certamente lugar à questão da representação mental, mas privilegiam sem contestação um modelo do tipo de herança genética.

## B) O conceito de acordo afetivo

- I) O conceito de acordo afetivo ou harmonização dos afetos desenvolvidos por D.N. Stern se apresenta como extremamente heurístico para dar conta da transmissão de afetos entre a mãe e o bebê, mas, além disso, permite conceber como os micro comportamentos diádicos, podem servir de ancoragem à interação fantasmática a partir da qual vão ser possíveis um certo número de aspectos identificatórios da criança pelo adulto. Uma das

dificuldades, certamente, é a de não reeditar este modelo reduzindo-o ao visto e ao entendido no *hic et nunc* e de saber dar conta da teoria do *à posteriori* (Freud) e da filtragem inevitável pelos recalques do observador e da díade por si só (ver a tríade).

- II) A Escola de Genova, principalmente em se tratando de B. Cramer e de F. Palácio-Espasa aprofundou em demasia a questão das projeções parentais sobre a criança cuja natureza condiciona em parte a ação das terapias breves conjuntas (mãe e bebê). Nesta perspectiva é particularmente no período de pós-parto onde aparece uma nova tópica diádica- B. Cramer propôs o conceito de “materialização”, que permite dar conta do fato que o bebê recém-nascido pode encarnar no seu corpo ou no seu teatro comportamental toda uma série de conflitos intra-psíquicos da mãe. Daí o interesse, ao longo das terapias conjuntas de situar com precisão o que ele chama das “seqüências interativas sintomáticas”(SIS) ao longo das quais o comportamento observado no bebê vem mostrar, fazer aparecer, dramatizar, as temáticas fantasmáticas expressas (de forma mais ou menos latente) pelo discurso maternal. Dito de outra forma, esses SIS traduzem uma correspondência entre um tema maternal e um sintoma do bebê e elas servirão de “foco” a intervenção terapêutica.

Esta forma de transferência materna sobre o bebê constitui, bem entendido, um tipo de TTG que lembra um pouco os “fantasmas” de S. Fraiberg.

Seja como for, o ponto importante é de poder esclarecer as modalidades interativas que permitem este efeito de materialização e que mantêm em seguida a ancoragem sintomática. O estilo do acordo afetivo, o tipo de holding, as especificidade de alternâncias entre aproximação e esquiva ou o ritmo dos engajamentos e dos desengajamentos visuais são, por exemplo, bons candidatos.

Para o papel de mensageiros concretos do processo de materialização. Além disso, no seu último trabalho, B. Cramer e F. Palácio-Espasa, nos mostram

igualmente, como podemos experimentar de reconhecer longitudinalmente o impacto da organização fantasmática da mãe sobre a construção do mundo representacional do bebê, tudo isso só podendo ter lugar e ser compreendido sobre o respaldo de uma certa inter-subjetividade.

III) A TTG pode, no entanto, passar por outras vias :

1/Cada um sabe, por exemplo, toda uma dimensão fantasmática que se ligou ao ato de nomeação (Nome Próprio). O nome não é certamente um destino em si mesmo mas todas as associações de pensamentos conscientes ou inconscientes-

Que os pais determinaram a seu modo, elas possivelmente terão traduções ou influências interativas cujo efeito pode se fazer sentir ao nível das induções ou das contra-induções identificatórias ao nível do bebê.

2/ Sobre outro aspecto, é sabido da parte de alguns clínicos que a mãe pode transmitir a seu bebê um certo número de mecanismos de defesa psíquicos antes mesmo que ele se intere dos perigos pulsionais contra os quais esses mecanismos são supostos de protegê-lo. Poderíamos então dizer: de forma preventiva e é, por exemplo, o problema das mães obsessivas que preparam os filhos em direção a uma analidade por vir. Isso vem junto com os trabalhos de imunologistas que demonstraram que o organismo sabia potencialmente fabricar toda uma série de anticorpos sob o efeito de antídotos cujo encontro é somente hipotético, mas de toda forma há nisso também , me parece uma forma de TTG como em Negativo, a temática fantasmática correspondente.

C) Transmissão transgeracional e processo de subjetivação.

1/ A noção de herança transgeracional aparece como entalhe narcisico-pois se inscreve em falso contra o fantasma de auto- engendramento(P. Aulagnier).

O sujeito é ao mesmo tempo herdeiro do grupo que o antecede por apoio, identificação e incorporação) e também “ a si próprio seu destino”(Freud), a margem de manobra se apresenta estreita e isso aliás nos é demonstrado amplamente por certas constelações psicopatológicas familiares(M.Enriquez). O entre-dois se apresenta pois como o caminho de uma parada.Certamente, não independência sem dependência inicial, nem autonomia sem fusão ou simbiose preliminar. Mas ainda é necessário que esta fusão ou esta simbiose não sejam entraves e que haja lugar para uma certa “maleabilidade”(M. Milner)sem a qual as coisas só podem se congelar e o grau de liberdade se reduzir.

II) O transgeracional o qual tentamos mostrar sua importância na construção do sujeito parece de fato poder se debruçar sobre vários planos diferentes e mais ou menos encaixados.

1/Existe em primeiro lugar, um transgeracional que passa pelo corpo. Verdade é que o corpo e suas características (morfológicas, por exemplo) representam uma cena onde podem se atualizar certas influências de gerações passadas, influências genéticas ou biológicas que pelo seu surgimento incomensurável podem, aliás, por vezes, suscitar um clima de estranheza inquietante e para aquele que é o depositário e seu entorno. Por este viés, o corpo se encontra igualmente comprometido como lugar de inscrição possível de um processo transgeracional cujos efeitos psíquicos podem ser muito importantes

2/ Em seguida, existe um transgeracional de natureza mais diretamente psíquica e que se apresenta de forma diferenciada.

- seja ao nível do vínculo (apego)

-seja ao nível das ligações

-seja ao nível da relação propriamente dita



a/ Nós diferenciamos, com efeito, esses três níveis, pois eles remetem, nos parece, a pontos de vista fenomenológicos extremamente diferentes com relação ao bebê e à criança.

\*Um ponto de vista autárquico ou sincrético para o vínculo, com sua sombra de indiferenciação ou de onipotência. É um ponto de vista monádico onde são vividas angustias de implosão, de explosão, de abandono ou ao contrário de intrusão.

É, segundo os termos de D. Anzieu a temática de uma “pele comum à mãe e ao bebê” que estaria aqui presente.

\* Um ponto de vista binário pelos laços (elos) que remetem ao registro do fusional e do simbiótico e a angustia do tipo: arrancar ou levantar vôo.

\*Um ponto de vista ternário finalmente para as relações propriamente ditas que incluem sempre um terceiro, parcial ou total, real ou fantasmado, a partir daí com uma possibilidade de angustia de tipo perda de objeto no quadro da triangulação.

b/De toda maneira:

\*Sobre o plano do vínculo(attachement), o transgeracional pode ser concebido em termos de transmissão de “patterns” que podem dar conta de um certo número de repetições diacrônicas, ao longo das gerações.

Trata-se, como já dissemos, de um transgeracional que aparece de forma um pouco genética ou cognitiva e é proveniente dos trabalhos de J. Bolwby e de M. Main. É como Bretherton apresenta no seu trabalho.

\*Sobre o ponto de vista dos laços (elos), o transgeracional pode estar integrado no quadro das interações afetivas e fantasmáticas e nos já vimos o papel possível.

do acordo afetivo como mecanismo íntimo desse nível de transmissão transgeracional.

\*Sobre o aspecto da relação, finalmente, o transgeracional se baseia, bem entendido, sobre a questão das identificações que se encontram faz muito tempo no âmago das reflexões metapsicológicas.

Que sejam conscientes ou inconscientes, elas trazem na atualidade ainda numerosos problemas teóricos, difíceis na medida em que elas constituem sempre não somente uma interiorização do objeto ou de certos aspectos do objeto, mas sobre tudo uma integração do sistema relacional do objeto e em certa medida de sua visão de mundo. Dito de outra forma, um certo componente de identificação projetiva se coloca sempre no centro de todo mecanismo identificatório, o qual se situa mais do lado da empatia do que do lado da imitação, seja mais no registro do tridimensional do que no registro do bidimensional. Mas, seja como for, os mecanismos que sustentam concretamente os processos identificatórios continuam ainda muito enigmáticos.

III ) Podemos , portanto, se assim nos parece, a título de questionamento-destacar vários tipos de oposição sobre a TTG:

1/Para começar, podemos opor uma TTG que seria não conflitual à uma TTG de essência conflitual? Poderíamos por exemplo, imaginar, que a transmissão das patterns de vínculo(attachement) segundo o modelo de M.Main , não abordam fundamentalmente a noção de conflito. Em contrapartida, desde que nos situamos ao nível dos laços de acordo afetivo, vimos até que ponto o conceito mesmo de interação fantasmática se organiza em torno dos conflitos intra-psíquicos da mãe.

Mas, além disso, desde que se aborde a questão da triadificação, a dinâmica conflitual não pode mais ser deixada nesse sentido, pois que ser dois é por vezes insustentável. A partir daí, o terceiro intervêm frequentemente como contextualizador da díade e é com todo o peso de “sua árvore de vida”

pessoal que ele vai se inscrever em terceiros(tiers) entre os conflitos próprios a cada um destes pólos.

2/Segunda oposição eventual: será que existe uma TTG paterna ou materna distintas e diferenciadas: No nosso entender, não e deve-se saber que os mandatos transgeracionais de cada bebê são inevitavelmente e sempre o resultante de duas filiações transgeracionais materna e paterna. Estas podem aliás, aí também, se mostrar mutuamente conflituosas.

3/ Terceira opinião possível: Existe espaço para diferenciar um transgeracional imagético e um transgeracional em termos de relações parciais onde o que é transmitido não se apresentaria em função de um suporte objetal totalizante mas em função de moções pulsionais parciais tais como o masoquismo, o sadismo, a inveja ou a avidez, por exemplo.Na atualidade, a questão se coloca mas fica em aberto

4/Por hora, faz-se necessário evocar igualmente uma outra oposição importante: será que existe uma TTG no positivo, ”plena” e uma TTG “vazia”?

a/ Bem entendido, a TTG no positivo não pode ser minimizada. Ela fica evidente no que concerne o nível corporal e biológico da TTG, fundando desta forma todo o sistema das semelhanças mais ou menos desfragmentadas no tempo. Ela está igualmente presente no esquema de M.Main.

b/ Em contrapartida, A TTG vazia que corre o risco de passar mais despercebida, aparece de fato como essencial e sem dúvida mais operacional ao nível das ligações e das relações do que ao nível do vínculo(attachement) propriamente dito.Vimos como através das modalidades do vínculo afetivo, o estilo interativo da mãe pode induzir no bebê identificações julgadas inconscientemente mais ameaçadoras pelo fato da interação fantasmática. Da mesma forma, tanto A. de Mijolle com “Os visitantes do Eu” quanto S. Fraiberg com “ Os fantasmas do quarto de

bebês” nos mostraram certas identificações inconscientes que pretendiam sobre tudo desenhar os contornos do terceiro ausente. Não voltaremos mais à noção de cripta de N.Abraham e M. Torok, para citar J.J. Baranes que diz em essência que toda família, todo grupo joga no fundo sua coerência de um acordo tácito sobre a transmissão de alguma coisa não sabida.

É dizer da importância do Negativo na transmissão transgeracional (recalque, denegação, recusa ,renegação e forclusão).Freud já dizia no seu artigo de 1914 que o narcisismo da criança se apaga diante da falta para a realização dos “sonhos de desejo” de seus pais.Mas as pesquisas contemporâneas vão mais além: é a partir do que não é somente falha e falta que se organizou a transmissão mas a partir do que não aconteceu, o que é ausência de inscrição e de representação, ou do que, sobre a forma da encriptagem, está em destaque sem estar inscrito(R. Kaes).Sabendo, no entanto, que é também a ausência do interdito que torna impossível a representação, o jogo do fantasma,o prazer e o trabalho do pensamento. Daí a importância para R.Kaes, na sua análise do funcionamento grupal, do pacto de denegação ao lado da renuncia pulsional e do contrato narcísico.Issso volta a colocar em evidência o fato que o vivo da psicanálise se organiza, me parece, em torno de uma metapsicologia da ausência ou do terceiro excluído e não em torno de uma metapsicologia da presença que inspira sub-repticiamente, e de maneira insignificante, uma certa psicanálise contemporânea dita desenvolvimentista.

5/ Aparece, portanto, talvez por oposição segundo uma antiga discussão, uma TTG observada contra uma TTG reconstruída.

A TTG observada corresponde àquela que podemos descrever ao nível interativo entre pais e bebê e da qual já falamos bastante.

A TTG se reconstruída, corresponde mais aquela que está descrita no estudo dos investimentos transgeracionais ou seja, pode ser invocada no quadro de certas hipóteses reconstruídas, elaboradas à posteriori.

Existe provavelmente a mesma distância dialética entre os dois tipos de transmissão do que aquele que há entre o bebê observado e o bebê reconstruído pela psicanálise.

Velho debate ora, e por vezes quão polêmico!

6/Para encerrar esta lista de oposições, nós mencionaremos finalmente uma última, aquela que sustentaria uma oscilação entre TTG “de vida” e TTG “de morte”, para retomar aqui a diferença feita por A. Green sobre o narcisismo.

Estamos aqui no centro das relações entre TTG e processo de subjetivação, pois a TTG de vida favoreceria as identificações construtivas ao passo que a TTG de morte suscitaria pelo contrário, as identificações alienantes.

Tal é o reflexo do conflito pulsional de base, que através do par, pulsões de vida/pulsões de morte da segunda teoria pulsional de Freud explica toda uma série de balanceamentos análogos:

Narcisismo de vida/narcisismo de morte certamente mas também sedução iniciática e sedução traumática por exemplo( e a transmissão dos significantes “enigmáticos” da mãe para a criança- no quadro da teoria de J. Laplanche sobre a sedução generalizada – faz parte integrante da questão da TTG.)

A implantação mais ou menos forte da “árvore da vida” dos dois pais do bebê (pai e mãe) ou seja , na sua vida psíquica e fantasmática, determina na criança maior ou menor liberdade que tem ou não, de se apoderar dos próprios conflitos infantis dos seus pais.A transmissão do mandato transgeracional se efetuando essencialmente pelo viés das projeções parentais, resta no entanto explicar porque certos bebês, certas crianças são mais ou menos receptivos que outros.

Podemos, na verdade, nos perguntarmos se isso remete a disposições particulares e de certa forma “congênitas” do bebê, sem deixar de pensar nas concepções anglo-saxônicas quanto à transmissão dos procedimentos

congênitos dos elos de ligação) ou se não devemos levar em conta a natureza qualitativa das ações parentais, as quase algumas seriam mais constrangedoras , ou mais “incorporadoras” que outras segundo a terminologia atual de B. Cramer e de F. Palácio-Espasa.

Essas duas hipóteses não se excluem, mas como se vê , nos resta “pão sobre a tábua”, a nós pesquisadores e clínicos, para compreender porque em matéria de TTG- certas crianças “se saem” melhor que outras do ponto de vista de sua margem de liberdade intra-psíquica.

- IV) Toda esta problemática da TTG se reapresenta no quadro da transferência e da contratransferência e igualmente na dinâmica de filiação que de uma certa forma horizontaliza a verticalidade da filiação (“A parte transmitida “, C. Girard). Finalmente e para retomar nossa questão inicial, o que herdamos com o conceito de transgeracional? É claro que nosso legado é muito precioso. Cabe a nós fazê-lo frutificar, evitando vários tropeços, ou seja sem o coisificar, sem idealizar e talvez sobretudo sem fazer um bolso vazio de sua substância mais cheia de nossas próprias incertezas.

Pr Bernard GOLSE

Tradução: Margarida Guilhon

Texto extraído da revista “Recherches” do mês de Agosto de 2005



